

**A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [DE REPENTE:]****UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO***THE HISTORICAL FORMATION OF THE CONSTRUCTION [de repente]**['suddenly']': A CONSTRUCTIONAL APPROACH IN USE***Nastassia Santos Neves Coutinho**

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ.

**Maria Maura Cezario**

Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ e do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ; é pesquisadora do CNPq.

**RESUMO:** Neste artigo, apresentaremos um estudo em andamento sobre os usos de [*de repente*] na história do português, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, corrente que reúne conhecimentos do Funcionalismo Americano, da Linguística de Corpus e da Linguística Cognitiva. Coletamos e analisamos dados do *Corpus do Português* e verificamos que a forma [*de repente*] apresenta diferentes valores, a depender da sincronia analisada. No português atual, três usos se destacam: o valor temporal, o valor de modalizador epistêmico e o valor ambíguo. Sabemos que o valor epistêmico é derivado, no caso, do valor temporal. Queremos discutir se [*de repente*] com valor temporal e [*de repente*] com valor de modalizador epistêmico são duas construções diferentes na língua, tomando como base o modelo de construcionalização/mudança construcional de Traugott & Trousdale, 2013, sendo o uso epistêmico um novo nó na rede linguística em relação ao uso temporal. Para Traugott & Trousdale, ocorre construcionalização quando há a criação de novo pareamento forma-função. Assim buscaremos verificar se houve alterações em ambas as faces do pareamento ou se houve mudanças apenas na função.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modelos Funcionais Baseados no Uso. Construcionalização. A construção [*de repente*].

**ABSTRACT:** In this article, we will present an ongoing study on the uses of [*de repente*] ['suddenly'] in the history of Portuguese, based on the theoretical and methodological assumptions of Usage Based Linguistics, which brings together knowledge of American Functionalism, Corpus Linguistics and Linguistics Cognitive. We collected and analyzed data from *Corpus do Português* and we verified that the [*de repente*] form presents different values, depending on the analyzed synchrony. In current Portuguese, there are three uses: the time value, the epistemic modalizer value and the ambiguous one. We know that the epistemic value is derived, in this case, from the time value. We want to discuss whether [*de repente*] with the value of time and [*de repente*] with the epistemic modalizer value are two different constructions of the language, based on the constructional/constructional change model by Traugott & Trousdale, 2013, with epistemic use being a new node in the language network. According Traugott & Trousdale, constructionalisation occurs when there is the creation of a new form-function

pairing. Therefore, we will check if there were changes in both sides of the pairing or if there were only changes in the function.

**KEYWORDS:** Functional Models Based on Use. Construction. The building [*de repente*] [*suddenly*].

### Introdução

As línguas podem ser caracterizadas como mutáveis, pois estão em constante movimento de mudança, com isso há tanto o desaparecimento como o surgimento de formas linguísticas, além de alterações nos seus significados/funções. Dentro desse contexto, é frequente a existência de construções que admitem diferentes interpretações.

Nossa hipótese é a de que podem ser conferidos vários significados à construção [*de repente*], sendo que estes usos podem ser dispostos em uma escala de abstratização, pois refletem uma mudança gradual, do seu valor original de tempo, (+) concreto, para o valor de modalizador epistêmico, (+) abstrato. A fim de explicitar as mudanças construcionais envolvidas na mudança da construção [*de repente*] e verificar a hipótese de que essa mudança seja um caso de construcionalização, analisamos registros da amostra do *Corpus do Português*, disponível online, que reúne textos da Língua Portuguesa com variedades do Brasil e de Portugal, em

que encontramos a construção “de repente” a partir do século XVI.

Consideramos, com base em Traugott e Trousdale (2013), que **construcionalização** é a criação de uma nova construção na língua, que acontece após haver mudanças na forma e no sentido de uma construção anterior. Quando ocorre mudança apenas na forma ou no sentido, trata-se de uma **mudança construcional** e não ocorre criação de nova construção.

Consideramos, com base em Goldberg (1995, 2006), construções como pareamentos simbólicos forma-função conectados em rede na gramática dos falantes. As construções linguísticas nascem de outras construções de uma língua, por inferências, por *chunking*, por analogia e/ou por outros processos cognitivos do domínio geral. No caso aqui estudado, postulamos que [*de repente*] sofreu construcionalização e passou de advérbio para modalizador, havendo mudanças no plano da forma (com alteração nas tendências posicionais, por exemplo, alteração no escopo do sintagma modificado) e no

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [*DE REPENTE*]:  
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO

plano da função (de circunstanciador de tempo para modalizador epistêmico).

Nossa análise explicitará os valores da construção “de repente” encontrados nos séculos XVI, XVII e XX. Os resultados da nossa pesquisa demonstram que, no século XVI, [*de repente*] manifesta-se com o valor original de tempo e algumas ocorrências do valor de ambiguidade, o que já indica uma possível mudança construcional; no século XVII, mantêm-se as ocorrências do valor de tempo, há um aumento das ocorrências de valor ambíguo entre tempo e modalização epistêmica e começam a aparecer ocorrências da construção como modalizador epistêmico, que no século XX é acentuado. Futuramente pretendemos percorrer todos os séculos de escrita do português e também incluir a análise de textos orais do português atual.

No presente artigo, na verdade um *squib* (pois apresenta o estado da arte de uma pesquisa em andamento), fazemos uma análise quantitativa e qualitativa dos dados com construção [*de repente*], a fim de identificar o processo de mudança da construção [*de repente*], em que há perda de algumas de suas características de tempo para modalizador. Mostraremos as mudanças construcionais envolvidas

nesse processo da construção [*de repente*], tradicionalmente incluída na classe dos adverbiais de tempo, relacionando com alguns dos processos de domínio geral (BYBEE, 2010) que levaram às mudanças, além de contribuir com discussões teóricas que propõem uma abordagem construcional para a análise de fenômenos de mudança linguística.

Para que os objetivos sejam alcançados, comparamos as ocorrências de [*de repente*], a fim de descrever seus diferentes sentidos em contextos de uso, de caracterizar suas funções semânticas e de identificar os contextos sintáticos (ou padrões construcionais) em que [*de repente*] se insere para verificarmos quais seriam os limites da construção. Em outras palavras, [*de repente*] é uma construção que se insere em diferentes padrões construcionais ou haveria mais de uma construção, ou seja, mais de um pareamento forma-função com [*de repente*]?

Iniciamos este estudo apresentando pressupostos dos modelos baseados no uso que vão se preocupar com a relação entre as estruturas linguísticas e suas funções nos diferentes contextos de uso. Antes, porém, apresentaremos um panorama da forma como de repente é

tratado em dicionários e gramáticas da língua portuguesa.

Posteriormente, abordaremos as funções atribuídas à construção [*de repente*] encontradas na amostra, seguidas das análises dessas ocorrências e alguns

### Dicionários e gramáticas

Verificamos o tratamento dado à construção [*de repente*] em gramáticas e dicionários da língua portuguesa, a fim de identificar o sentido e a função prototipicamente associados ao fenômeno em análise, com o intuito de verificar em que medida os usos mais recentes desta construção já são incorporados nas explicações sobre ela. Foram revisitadas as seguintes gramáticas: Said Ali (1964), Cegalla (1995), Neves (2000), Mira Mateus et al. (2003), Carvalho (2007), Cunha e Cintra (2008), Pasquale e Infante (2008), Bechara (2009), Castilho (2010), Bagno (2011), Azeredo (2012), Haury (2013). Também examinamos as definições encontradas em dicionários, tais como o de Nascentes (1980[1972]), Barsa (1981), Borba (2001), Houaiss (2004), Ferreira (2008), Cunha (2010). Buscamos as definições encontradas nos dicionários publicados entre os anos 1980 a 2010 acerca da construção [*de*

resultados alcançados. Por último, apresentamos as considerações finais, não como uma conclusão, mas como considerações sobre rumos da pesquisa em andamento.

*repente*], já que estes pretendem registrar os itens da língua contemporânea. A primeira constatação é a de que nem todos os dicionários consignam a entrada da construção [*de repente*], no dicionário de usos do Português contemporâneo do Brasil de Borba (2001), por exemplo, essa construção está registrada como núcleo de construção adverbial [*de + repente*]. A maioria das obras consultadas apresentou [*de repente*] como exemplo da descrição do substantivo [*repente*].

Como mostra o quadro 1, a definição apresentada para o item lexical “repente” é bastante semelhante nos diferentes dicionários: [*repente*] é entendido como “ímpeto”, “impulso ou algo repentino”, “improviso” ou “de súbito”, correspondendo a acepção de tempo encontradas nas amostras de dados desta pesquisa. Em muitos casos, encontramos associados a essa definição termos como “subitamente”, “repentinamente” ou “o modo inesperado como algo acontece”, os

**A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [DE REPENTE:]  
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO**

quais remeteriam mais diretamente ao uso da construção como modo, o qual está muito próximo semanticamente do uso temporal. (NASCENTES, 1980[1972]; BARSA, 1981; BORBA,

2001; HOUAISS, 2004; FERREIRA, 2008; CUNHA, 2010). Dessa forma, podemos inferir que essas duas funções são, provavelmente, mais antigas.

Quadro 1 – significado de [*de repente*] em dicionários

Obras consultadas	Significado
Nascentes (1980[1972])	Ação, dito repentino e impensado; manifestação natural e instintiva, movimento reflexo que obedece a um sentimento natural e não a cálculos e conveniências. De repente: num momento, subitamente. (Do lat.: repente = de súbito)
Barsa (1981)	1. Dito ou ato repentino ou irrefletido. 2. Qualquer improviso. De repente: de súbito; imprevisamente; repentinamente.
Borba (2001)	<b>REPENTE [Abstrato de estado]</b> ímpeto; impulso: Foi quando tive um estalo, um repente muito próprio de minha natureza (CL <sup>1</sup> ); Os repentes até lhe acentuam melhor a psicologia (VN <sup>2</sup> ) [ <b>Concreto</b> ] 2 canto, dito ou versos feitos de improviso: Seu Alexandre não se entregava às libações, (...) e nem mesmo cantava repentes (ETR <sup>3</sup> ); o senador Ronaldo Cunha Lima é entusiasta dos repentes (versos de improviso) nordestinos (FSP <sup>4</sup> ) [ <b>Núcleo de construção adverbial</b> ] [de+@ <sup>5</sup> ] 3 de modo súbito; repentinamente: De repente, paramos de falar (A <sup>6</sup> ); começou a ser meu amigo de repente (AC <sup>7</sup> )
Houaiss (2004)	1. ato ou dito sem reflexão; ímpeto 2. Verso ou canto improvisado em desafio (faz belos r.) De repente. Locução adverbial. Subitamente (chegou de repente) ~ repentista adj.
Ferreira (2008)	1. Dito ou ato repentino ou irrefletido; ímpeto. 2. Qualquer improviso. (2) De repente: Sem ser esperado; de modo muito rápido e surpreendente; impossível de prever; de chofre, de súbito.
Cunha (2010)	‘Ímpeto, impulso’ XVI. Do lat. Repens-entis    <b>repentino</b> XVI. Do lat. Repentinus    <b>repentista</b> 1858.

Fonte: Coutinho (2016)

Um levantamento nas gramáticas relacionadas abaixo mostra que nem todas se referem à construção [*de*

*repente*] e aquelas que o fazem enfatizam apenas sua função sintática, como

<sup>1</sup> *O coronel e o lobisomem*. CARVALHO, J. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994. (BORBA, 2001)

<sup>2</sup> *A viagem noturna*. TEIXEIRA, M.L. São Paulo, Martins, 1965. (BORBA, 2001)

<sup>3</sup> *Estrela solitária*. CASTRO, R. São Paulo, Cia das Letras, 1995. (BORBA, 2001)

<sup>4</sup> *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1.1.1979; CD-Rom 1994/95. (BORBA, 2001)

<sup>5</sup> BORBA (2001) utiliza este símbolo para o preenchimento do elemento: de + repente.

<sup>6</sup> *Ângela ou as areias do mundo*. FÁRIA, O. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. (BORBA, 2001)

<sup>7</sup> *Auto da compadecida*. SUASSUNA, A. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. (BORBA, 2001)

sintagma adverbial, seja de tempo, seja de modo, como mostra o quadro 2.

Quadro 2 – Classificação de [*de repente*] segundo as gramáticas

Obras consultadas	Classificação
Said Ali (1964, p.184)	Locução adverbial
Cegalla (1995, p. 245)	Locução adverbial
Neves (2000, p. 244)	Locução adverbial de modo
Mira Mateus et al. (2003)	Não citam a locução
Carvalho (2007)	Não cita a locução
Cunha e Cintra (2008)	Não citam a locução
Pasquale e Infante (2008, p.266)	Locução adverbial de tempo
Bechara (2009)	Não cita a locução
Castilho (2010, p.563)	Advérbio Predicativo Aspectualizador
Bagno (2011)	Não cita a locução
Azeredo (2012, p.194)	Locução adverbial
Hauy (2013, p. 973)	Locução adverbial

Fonte: Coutinho (2016)

A classificação de [*de repente*] como advérbio coloca alguns problemas que envolvem a própria definição/caracterização desta classe, nem sempre consensual. A maioria das gramáticas já aponta para a complexidade no estudo destes elementos que operam tanto como determinantes ou modificadores de outros constituintes da palavra, da predicação ou da própria proposição. Bechara (2009, p.288), por exemplo, define o advérbio como “a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e

desempenha na oração a função de adjunto adverbial”.

Neves (2000), por outro lado, alerta que a conceituação de advérbio pode ser feita sob diversas perspectivas, de acordo com o critério que se considera: do ponto de vista morfológico, advérbio é uma categoria de palavra invariável, apesar de, em alguns casos apresentarem flexão de gênero e número; do ponto de vista sintático, advérbio é visto como “uma palavra periférica, isto é, ele funciona como satélite de um núcleo.” (p.234). Além disso, a autora ressalva que nem todos os advérbios possuem função modificadora. Assim, se um advérbio de modo modifica efetivamente o estado de

## A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [*DE REPENTE*:] UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO

coisas, ligando-se, geralmente, ao verbo, advérbios de tempo ou de lugar, por exemplo, servem mais para situar coordenadas temporais e locativas do estado de coisas descrito na oração.

É tal situação que leva diversos autores a distinguirem três grandes classes de advérbios: os predicativos, os de verificação e os dêiticos (cf. NEVES, 2000; CASTILHO, 2010), podendo cada uma delas incluir diferentes subclasses, com base em diferenças semânticas, sintáticas e discursivas. Embora distinga uma classe de advérbios modalizadores, Neves (2000) não faz referência à construção [*de repente*] com esta função. Por outro lado, Castilho (2010), inclui o [*de repente*] entre os advérbios predicativos que ele denomina de aspectualizadores perfectivos, associando, portanto, essa construção muito mais ao valor aspectual do que ao valor de modalização.

### **Pressupostos teóricos**

Considerando que a fala antecede a escrita e sendo o discurso formador das estruturas da língua, as quais sofrem alterações a partir das regularidades estabelecidas na gramática, os modelos baseados no uso investigam a relação entre a estrutura da língua e o ato

comunicativo levando em conta a criatividade do falante, a frequência de uso das construções, os processos cognitivos do domínio geral, como a capacidade de leitura de intenções e a capacidade de fazer analogia. À medida que as formas linguísticas se tornam mais gerais, ou seja, passam a ser incluídas em novos contextos e a integrar a gramática da língua, sua acepção se expande ao adquirir características desses novos contextos, possibilitando uma maior abstratização de sentido e possíveis polissemias às construções das línguas.

A visão dos modelos baseados no uso explicitada por Butler (2003) é a de que a linguagem é um instrumento de comunicação, que envolve qualquer propósito comunicativo e reflete aspectos dos contextos conversacionais. Dessa forma, é preciso que haja uma explicação de como seria a organização da linguagem para este uso comunicacional.

Os modelos baseados no uso são particularmente justificados para o estudo de processos de mudança linguística, uma vez que um dos seus pressupostos é o de que modificações introduzidas no uso, com o passar do tempo, podem ser incorporadas pela

gramática (cf. Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003). Além disto, há indícios/evidências de que algumas mudanças são mais prováveis do que outras, como, por exemplo, a evolução de construções que indicam espaço para indicação de tempo, e que podem seguir uma trajetória em que passarão a funcionar como elemento de organização do discurso. Segundo os autores, tal trajetória é possível porque “a expressão de dados espaciais é mais básica e concreta do que a expressão de dados temporais, que, por sua vez, é mais básica e concreta do que a indicação das relações textuais.” (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p.63).

O modelo de Traugott e Trousdale (2013) associa a linguística funcional norte-americana à Gramática de Construções (cf. Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001), admitindo a gramática como emergente do uso. Consideram como pressuposto central a concepção de língua como uma rede de construções. Nessa perspectiva, construção é entendida como uma unidade simbólica convencional, constituída por um pareamento de forma e sentido, tal como definida por Goldberg (1995, 2006), em que as construções estão interligadas por aspectos da forma ou da função e são

acessadas pelo falante/ouvinte por essas associações, sendo assim, a mente é concebida de forma holística. As construções seriam unidades simbólicas convencionalizadas, ou seja, são unidades que envolvem um par de forma e significado já estabelecido e compartilhado entre os falantes. Para essa abordagem, cada construção é vista como um nó na rede linguística. O grande conjunto de construções que compõe o sistema linguístico do falante tem sido chamado *constructicon*.

Os autores apresentam dois tipos de mudança linguística: a *mudança construcional* e a *construcionalização*. A mudança construcional afeta características de uma construção no plano da forma ou no plano do conteúdo, não caracterizando a formação de uma nova construção na rede. Já a construcionalização implica mudança na forma e no sentido de uma dada construção, levando, assim, ao surgimento de um novo nó na rede linguística, ou seja, de uma nova construção. Nas palavras de Trousdale (2012, p. 576, tradução nossa): “a construcionalização é a criação diacrônica de unidades simbólicas convencionais em diferentes níveis de esquematicidade e complexidade, é um processo que envolve uma série de



## A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [DE REPENTE:] UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO

micromudanças em diferentes níveis linguísticos”<sup>8</sup>. Desse modo, nota-se que mudança construcional é concebida como um processo de mudança e a construcionalização já é concebida como um resultado, pois surge um novo nó na rede de construções do sistema linguístico. Assim, observa-se que a mudança construcional pode ou não levar à construcionalização.

Traugott & Trousdale (2013) também concebem que a mudança geralmente ocorre de forma gradual ao longo do tempo, iniciando de uma nova análise (neonálise) que o ouvinte faz de um enunciado, podendo haver analogização, um dos processos mais importantes na mudança linguística. Para o estabelecimento desses dois processos existem três parâmetros que referenciam a formação de construções na língua, a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. As construções podem ser caracterizadas de acordo com seus graus de abstração, em relação ao nível de esquematicidade; em relação à sua frequência, referente à produtividade e ao nível de transparência entre as partes da construção, aumentando ou

diminuindo a composicionalidade de uma construção.

No nível de abstração, há o parâmetro da esquematicidade, de acordo com o qual a construção pode ser substantiva, esquemática ou mais ou menos esquemática. Na caracterização da construção como substantiva, nenhum dos constituintes pode ser alterado, como no caso das construções idiomáticas; já na possibilidade de uma construção mais ou menos esquemática o nível de abstração está no elemento que pode ser preenchido com ou sem algumas restrições de possibilidades, mas o restante da construção é preenchido sempre com o mesmo elemento, como no caso do Xmente (*frequentemente, finalmente, etc*), em que o X pode ser preenchido por uma série de elementos enquanto [mente] sempre se repete, sendo fixo. No nível de maior abstração, em que há mais esquematicidade, todas as unidades podem ser preenchidas por elementos variados sem nenhum elemento fixo, como em SN V SN (como em “O menino pegou o carrinho”). No caso do fenômeno estudado nessa pesquisa, a hipótese investigada está,

---

<sup>8</sup> “Constructionalization (the diachronic creation of conventional symbolic units at different levels of schematicity and complexity) is a process

which involves a series of micro-changes at different linguistic levels” (TROUSDALE, 2012, p.576).

principalmente, relacionada ao nível de esquematicidade da construção. No caso da construção [*de repente*] ser substantiva, ela não apresenta níveis de abstração, sendo totalmente preenchida e se encaixaria em outras construções maiores. Mas nossa hipótese é que o limite da construção é maior do que isso, engloba outros elementos. Por exemplo, no exemplo (1), podemos pensar na construção como mais ou menos esquemática, em que a construção seria [X + de repente] em que há um slot X representado por “quando”, mas que em outras ocorrências pode ser substituído por uma gama de possibilidades de conectores que sempre estariam presentes na ocorrência da construção [X + de repente], como *se repente, mas de repente*, dentre outras.

(1) “pario a mulher hum filho; alegrou[-se ] estranhamente, senão quando de repente lhe morre a criança.” (História do Japão 1, Frois, século XVI)

A composicionalidade está relacionada à motivação, ou uma maior transparência de sentido entre a forma e a função da construção. No caso de [*de repente*], em seu uso prototípico a expressão possui um sentido temporal, o qual pode ser percebido como mais concreto ou menos abstrato do que a sua utilização como modalizador, que diz respeito ao que é

possível ou necessário. O que podemos perceber é que há uma extensão de sentido que provoca uma relação de opacidade, pois não conseguimos mais relacionar a forma ao seu significado, sendo assim, há diminuição em sua composicionalidade. Isso acontece também na formação de construções gramaticais, que podem ser as construções inteiramente especificadas, as idiomáticas, que não podem ser reconhecidas separadamente, seu significado só permanece com a junção dos itens.

Por fim, a produtividade se refere à maior ou menor frequência de ocorrências de uma construção e à maior ou menor frequência de tipos de elementos que ocorrem na construção ou vinculados à construção. Estamos trabalhando com produtividade na medida em que vemos o aumento ou diminuição da frequência de cada tipo semântico de [*de repente*] ao longo dos séculos e também o aumento ou diminuição de tipos de elementos que podem coocorrer com [*de repente*].

### Metodologia

A fim de analisar o uso da construção [*de repente*], fizemos um levantamento das ocorrências em um *corpus* diacrônico para verificar a trajetória de mudança.

## A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [DE REPENTE:] UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO

Para a coleta dos dados, utilizamos o *corpus* do Português disponível online, que reúne textos da Língua Portuguesa com variedades do Brasil e de Portugal, em que encontramos ocorrências da construção [*de repente*] do século XVI ao XX (para a apresentação dos dados deste trabalho apresentaremos apenas os resultados da análise de dados dos séculos XVI, XVII e XX).

Aproveitaremos o aparato metodológico da Sociolinguística Variacionista para tratamento quantitativo dos dados, que são quantificados de forma a identificar as propriedades mais recorrentes em cada um dos padrões da construção [*de repente*]. Podemos com esse método fazer cruzamentos de fatores para obtenção das frequências.

O ponto central deste estudo, é o uso do [*de repente*] com diferentes valores semânticos ou funções. Na análise da amostra, foram identificadas três possibilidades de uso ou funções semânticas distintas desta construção, sendo elas valor temporal, valor de modalizador epistêmico e os casos ambíguos, de dupla interpretação de sentido.

Os dados recolhidos são analisados a partir de fatores linguísticos que nos permite identificar o percurso de [*de*

*repente*], sendo eles função semântica, padrões construcionais e conectores encontrados ocorrendo juntamente à construção e que podem fazer parte da construção em uma abstração mais ou menos esquemática.

Após serem codificados, de acordo com os aspectos acima, os dados foram submetidos a uma análise estatística que permite verificar a distribuição dos dados de acordo com cada fator. Dessa forma, é possível identificar o conjunto de características mais fortemente correlacionados a cada um dos significados de [*de repente*] e traçar com maior precisão a trajetória de mudança construcional e construcionalização da construção. Esta análise foi realizada através do conjunto de programas Gold varb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para obtenção das frequências simples e para os cruzamentos de fatores.

### **Análise dos dados**

Por se tratar de uma pesquisa diacrônica, nesta seção de análise, apresentaremos as funções semânticas empregadas à construção [*de repente*] dentro da amostra, sua frequência no decorrer dos séculos e suas propriedades sintático-semânticas, evidenciando os

encaminhamentos do possível processo de construcionalização. A averiguação da nossa hipótese foi empreendida por meio do estudo dos contextos em que aparecem as ocorrências da construção [*de repente*]. Dessa forma, durante a pesquisa, encontramos, além do uso como valor temporal, outro emprego de [*de repente*] com valor de modalizador epistêmico e há ainda alguns dados, nos quais o uso de [*de repente*] superpõe-se as noções de tempo e de possibilidade, de modo que é possível interpretá-lo como advérbio de tempo e modalizador.

a) Valor temporal

Com o valor temporal, a construção [*de repente*] situa uma ação, um evento ou um processo, ocorrido em um dado momento e, mais particularmente, uma noção de imediatez, ou seja, de que algo ocorre de súbito ou de forma inesperada. Nesta função, [*de repente*] pode ser incluído no grupo do que Neves (2000, p.239) denomina advérbios de tempo, juntamente aos advérbios de lugar, advérbios circunstanciais que não possuem papel de modificador no estado de coisas descrito na oração. Os exemplos (2) e (3) ilustram esta função.

(2) “E logo **de repente** cortando a barriga em cruz e deitando as entranhas morreo alli em sua presença.” (Historia do Japam 1, Frois, século XVI)

(3) “...uma rua e querendo tomar outra para nos pômos fora, senao quando demos **de repente** com dois homens e ainda que a noite era escura como viram mulher...” (Infortunios trágicos da constante Florinda, Gaspar Pires Ribelo, século XVII)

No exemplo (2), a construção [*de repente*] incide sobre o verbo “morrer”, o qual aparece após uma oração interveniente, indicando que a morte ocorreu de forma súbita, naquele momento, significado prototípico da construção que é fortalecido pelo advérbio “logo” com a noção de imediatismo. Assim como no exemplo (3) em que [*de repente*] segue o verbo “dar”, que nesse caso possui a função de encontrar ou de se deparar com algo e, juntamente à construção [*de repente*], denota um significado de encontro em determinado momento com o complemento “dois homens” também de forma súbita, marcando o instante em que se encontraram.

b) Valor ambíguo

Vejamos os exemplos abaixo:

(4) “...batia muitas vezes nos peitos de admiração): mas que, se **de repente** os matassem, como tinhão feito ao Cubosama e aos demais, que então não...” (Historia do Japam 2, Frois, século XVI)

(5) “Tem uns que são contrados para dar aula e, de repente, vai para um cargo administrativo.” (Século XX)

Os casos ambíguos encontrados permitem a interpretação da construção com função temporal (apresentando a ação como repentina) ou com função de possibilidade, uma vez que percebemos que o falante expõe sua opinião, ao proferir a sentença, como apresentado no exemplo (4), em que é possível inferir uma possibilidade de matarem alguém, noção complementada pela presença da conjunção “se” que carrega a acepção de uma hipótese, e também é possível aferir que a ação de matar alguém pode ocorrer de forma repentina. Da mesma forma, no exemplo (5), ao mesmo tempo que o evento da contratação pode ser repentino, o falante expressa a hipótese

de um acontecimento a ser realizado, trazendo a noção de modalidade.

c) valor de modalizador epistêmico

No seu uso com o valor de modalizador epistêmico, a construção [*de repente*] marca o grau de compromisso/comprometimento do falante em relação ao conteúdo da proposição, isto é, seu grau (baixo) de certeza acerca daquilo que está sendo dito. Desta forma, a construção imprime no enunciado a sua avaliação, marcando a sua adesão. O que também pode ocorrer é a expressão de possibilidade realizar-se a partir da probabilidade de realização do acontecimento que está sendo contado, esta última noção muitas vezes está ligada a uma acepção de futuro, geralmente manifestada no verbo.

(6) “...são personagens que se declaram totalmente: eles dizem mais nos grandes silêncios. **De repente** pode haver algum trecho que não seja muito nítido, talvez eles se digam mais...” (Hilda Hilst, Século XX)

(7) “...de todo Goquinai não lhe deo a repentina nova para mais, que

sahir de repente com a gente que então estava dentro na fortaleza...” (História do Japão 2, Frois, século XVI)

No exemplo (6) acima, a construção assume função de modalizador epistêmico, ou seja, o falante expressa sua atitude/avaliação sobre o estado de coisas que está sendo narrado, atenuando a afirmação ao não exprimir certeza da declaração, o que é corroborado pelo termo “pode” que indica a noção de possibilidade. A modalidade pode aparecer também em formas de indeterminação como o caso do [*de repente*] no exemplo (7), em que o falante expressa a possibilidade de eles saírem de dentro da fortaleza, representando o que Halliday e Mathiessen (2004) expressam como gradualidade entre o positivo e o negativo, em que há o meio termo entre o confiável e o obrigatório.

Como previsto nos Modelos Baseados no Uso, os processos de mudança implicam uma gradualidade que decorre do fato de que não há fronteiras nítidas entre as categorias, sejam elas semânticas ou morfológicas, que representaria a noção de gramática pela teoria da gramática das construções que é vista como estrutura holística em que

nenhum nível é autônomo e sim como atuantes juntos no sistema.

Exemplos como (4) e (5), que representam a superposição das funções de tempo e modalizador, poderiam representar o início da passagem de um sentido para o outro. É possível, então, que haja uma gradação mais sutil que resulta em um *continuum* mais complexo de abstratização. Em outros termos, no caso da construção [*de repente*], este *continuum* poderia envolver etapas de transição entre as funções representadas na gradação entre as funções que ela assume, temporal e modalizadora.

Tabela 1 – Usos da construção [*de repente*]

Função semântica	XVI	XVII	XX
Tempo	80 / 94.1%	51 / 82.3%	44 / 55.7%
Ambíguo	5 / 5.9%	11 / 17.7%	22 / 27.8%
Modalizador	-	-	13 / 16.5%
Total de ocorrências	85/100%	62/100%	79/100%

A tabela 1 permite-nos a percepção de um aumento dos casos ambíguos do século XVI para o XVII, porém o aumento das ocorrências se dá significativamente no século XX que já apresenta relevante quantidade da noção inovadora de modalizador epistêmico. A recorrência de dados que admitem uma dupla interpretação para a construção em estudo constituem um bom exemplo de

## A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [DE REPENTE:] UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO

gradiência, que estaria ligada à gradualidade com que as línguas sofrem mudança, o que “ocorre ao longo do tempo de uma forma gradual, movendo um elemento ao longo de um *continuum* de uma categoria para outra”<sup>9</sup> (BYBEE, 2010, p.4), ou seja, a língua e a forma de comunicação são sempre afetadas pelo uso e pela experiência, que conseqüentemente vão atuar na adaptação do sistema linguístico paulatinamente.

A mudança das construções linguísticas está relacionada a alguns processos de domínio geral definidos por Bybee (2010), como por exemplo a categorização, em que os componentes de uma construção podem ser associados a imagens e sentidos previamente armazenados na memória e ao acessarmos esses armazenamentos podemos relacionar uma construção à sua forma e/ou função em correspondência a outra. Essa definição já está ligada a outro processo de domínio geral, a memória rica em que detalhes da forma e da função de certas construções são acomodados na memória e podem ter ligação com outras construções, o que contribuiria para a

conexão entre as diversas construções da língua.

O processo de *chunking* diz respeito à aproximação das partes que compõem uma construção e que ao serem postas juntas frequentemente podem se tornar uma só unidade em que não há mais a noção das partes separadamente, somente da unidade como um todo. Esse processo está diretamente ligado ao fator de composicionalidade (TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013) de uma construção que, ao ser repetida de forma unitária regularmente, perde a previsibilidade das partes, como no caso da construção [*de repente*] em que não percebemos mais a noção da preposição “de” e do substantivo “repente”.

Analisamos os padrões construcionais em que [*de repente*] ocorre em cada instância de uso, a fim de identificar se há uma tendência de cada padrão identificado como uma forma para uma função específica, sinalizando novos pareamentos forma-função. Observamos a formação de 7 padrões construcionais em que [*de repente*] ocorre na oração, a saber:

---

<sup>9</sup>“(...) change occurs over time in a gradual way, moving an element along a continuum

from one category to another” (BYBEE, 2010, p.4).

1 = (X) + V + [*de repente*] + SN

(8) “quando demos **de repente** com dois homens” (Infortúnios trágicos da constante Florinda, Ribelo, Século XVII)

2 = V + (SN) + [*de repente*] + (X) + (SN)

(9) “ficou **de repente** tão mudado” (História do Japão 1, Frois, Século XVI)

3 = (SN) + V + (SN) + (X) + [*de repente*] + SN

(10) “carecendo tão **de repente** de sua protecção e amparo” (História do Japão 2, Frois, Século XVI)

4 = (X) + [*de repente*] + (SN) + V + (SN)

(11) “...logo **de repente** tomando as armas...” (História do Japão 2, Frois, Século XVI)

5 = (X) + SN + [*de repente*] + V + (SN)

(12) “...porque um feito mau de repente não é mais de um...” (Cartas familiares, Francisco Manuel de Melo, Século XVII)

6 = SN + (X) + [*de repente*] + SN + V

(13) “...aquelle impedimento que tão **de repente** sobreveio...” (História do Japão 3, Frois, Século XVI)

A partir disso, buscamos identificar quais padrões ocorreriam com mais frequência em cada função que a construção assume em seu uso e se esses padrões estariam ligados diretamente à função assumida pela construção. A intenção nessa análise era encontrar uma tendência construcional que possibilitasse a percepção do [*de repente*] em contextos diferenciados que influenciariam a mudança construcional ocorrida na função exercida pela construção. Futuramente, com maior compreensão da história e dos valores de [*de repente*] nos contextos de uso, veremos se há abstrações maiores desses padrões e



**A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [DE REPENTE:]  
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO**

diferentes papéis semântico-pragmáticos, para chegarmos à conclusão de quantas e quais são construções, ou seja, os pareamentos com forma e função presentes no *constructicon* dos falantes do português do Brasil.

No caso da análise do século XVI, encontramos 85 ocorrências da construção [*de repente*], como figura a tabela 2, sendo que a 80 desses casos atribuímos a função temporal, prototípica do [*de repente*], e em 5 ocorrências observamos a superposição das noções de tempo e de modalizador epistêmico. O destaque que verificamos nesse século foi a grande ocorrência do valor temporal e a associação de termos como o advérbio “tão”, “logo” e “quando”, indicadores de intensidade e tempo que poderiam incentivar a função assumida mais recorrentemente pela construção. Apesar da ocorrência mais marcante dos padrões 1, 3 e 4, há ainda uma grande distribuição entre eles, o que não nos permite a percepção de uma tendência construcional na formação da construção em termos de padrões em que ela se insere.

Tabela 2 – Padrão Século XVI

Século XVI				
Função semântica/ Padrão construcional	Tempo	Ambíguo	Modalizador	Total
1	18 / 94.7 %	1 / 5.3%	-	19 / 22.4%
2	6 / 100 %	-	-	6 / 7.1%
3	27 / 93.1 %	2 / 6.9%	-	29 / 34.1%
4	26 / 92.9 %	2 / 7.1%	-	28 / 32.9%
5	2 / 100 %	-	-	2 / 2.4%
6	1 / 100 %	-	-	1 / 1.2%
Total	80 / 94.1 %	5 / 5.9%	-	85

No caso da tabela 2, podemos perceber um aumento nas ocorrências dos casos ambíguos, o que poderia representar uma ampliação de contextos alcançados pela construção, além da percepção de uma diminuição das ocorrências dos conectivos encontrados no século passado, uma vez que os termos que mais se associaram à construção foram “que” e “porque”. A diminuição nas ocorrências dos padrões 3 e 4 e uma maior ocorrência do padrão 1, também podem indicar uma alteração nas

condições de instâncias de uso da construção [*de repente*].

Tabela 3 – Padrões Século XVII

Século XVII				
Função semântica/ Padrão construcional	Tempo	Ambíguo	Modalizador	Total
1	23 / 92%	2 / 8%	-	25 / 40.3%
2	3 / 75%	1 / 25%	-	4 / 6.5%
3	16 / 94.1%	1 / 5.9%	-	17 / 27.4%
4	8 / 61.5%	5 / 38.5%	-	13 / 21%
5	-	2 / 100%	-	2 / 3.2%
6	1 / 100%	-	-	1 / 1.6%
Total	51 / 82.3%	11 / 17.7%	-	62

Ao passarmos ao século XX, observamos o aparecimento do uso da construção como modalizador epistêmico, a qual estabelece uma noção de comprometimento do falante ao enunciado proferido, como em (14), em que o falante indica a hipótese do acontecimento do enunciado ocorrer:

(14) “Se eu for fazer o que a pastoral quer, de repente vou ter que soltar todos os presos para que eles façam uma nova rebelião.” (Século XX)

Na tabela 4, percebemos que o padrão 4 foi estabelecido em 62 ocorrências do total de 79, indicando uma porcentagem

de 78.5% no total de instâncias de uso encontradas.

Como a ocorrência do padrão 4 foi semelhante nas três funções da construção, não podemos determinar se haveria um padrão para cada função assumida pelo [*de repente*] ou se realmente houve uma mudança na forma, mas que abarcou as três noções manifestadas pela construção que expandiu seu sentido.

Analizamos também a posição em que a construção [*de repente*] ocorre na oração. Observamos se a construção estava na margem esquerda, entre o sujeito e o verbo ou depois do verbo.

Tabela 5 – Posição na oração - Século XVI

Século XVI				
Posição [ <i>de repente</i> ] na oração	Tempo	Ambíguo	Modalizador	Total
Margem esquerda	24/30%	2 / 40 %	-	26 /30.5
Entre sujeito e verbo	4 / 5 %	-	-	4 / 4.7
Pós-verbal	52 / 65%	3 / 60%	-	55/ 64.7
Total	80 / 100%	5 / 100%	-	85/100

A tabela 5 nos mostra que, no século XVI, [*de repente*] ocorria predominantemente na posição à direita) do verbo (65% dos dados com o valor de tempo), posição esta comum aos advérbios do português. Os usos ambíguos também predominam na

**A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [DE REPENTE:]  
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO**

posição pós-verbal, embora não possamos fazer generalizações sobre a posição dos ambíguos, porque o número de dados foi pequeno.

Tabela 6 – Posição na oração - Século XVII

Século XVII				
Posição [de repente] na oração	Tempo	Ambíguo	Modalizador	Total
Margem esquerda	10/19.6 %	6/ 54.5%	-	16 / 25.8%
Entre sujeito e verbo	-	2/ 18,1%	-	2 /3.2%
Pós-verbal	41/80.3 %	3 / 27.2	-	44 /70.9
Total	51 /100%	11 / 100%	-	62/10 0%

No século XVII, [de repente] temporal também predomina na posição pós-verbal (80,3%), mas o uso ambíguo ocorre com predominância antes do verbo, mais precisamente na posição de margem esquerda (54.5%), posição típica dos advérbios modalizadores, como *infelizmente*, *finalmente* (cf. CEZARIO, et alii, 2018).

A tabela 7 nos mostra que o uso temporal, o modalizador e o ambíguo ocorrem predominantemente na posição de margem esquerda. Na verdade, a distribuição é praticamente a mesma para os três usos. Isso significa que [de repente] temporal era inicialmente mais usado na posição típica de advérbio de

tempo (tabela 5 e 6), ou seja, a posição pós-verbal e tem mudança de uso, passando a ser mais usado no início de oração. Essa posição possibilitou o link da construção com outras construções que derivaram de advérbios temporais ou modais e passaram a advérbios modalizadores, com *finalmente* e *infelizmente*. Assim, nossa hipótese é que o fato de [de repente] de valor temporal passar a ser usado na posição inicial, assim como os usos ambíguos, possibilitou a inferência como modalizador epistêmico. Algo que ocorre repentinamente é algo não esperado, não planejado Essa ideia de algo inesperado pode ter sido o gatilho para se pensar em usar [de repente] para apresentar uma opinião sem que se tenha muita certeza ou para apresentar uma possibilidade como no exemplo (6) já apresentado e repetido abaixo, em que [de repente] compete com *talvez*, usado numa oração próxima à oração com [de repente] modalizador:

(6) “Não são personagens que se declaram totalmente: eles dizem mais nos grandes silêncios. **De repente** pode haver algum trecho que não seja muito nítido, talvez eles se digam mais em duas ou três palavras. (Hilda Hilst, Século XX)

Temos observado também que, nos nossos dados, [*de repente*] com valor temporal costuma incidir sobre um verbo que expressa evento que aconteceu no passado, como nos exemplos (2) e (3) apresentados acima. Já [*de repente*] com valor de modalizador frequentemente se refere (a) a toda uma oração (escopo maior, portanto) expressando dúvida, estando o verbo no presente, muitas vezes numa locução verbal com o auxiliar *poder*, com o sentido de possibilidade, como no exemplo (6) acima; ou (b) a alguma proposição que designa um evento que pode acontecer no futuro, como no exemplo (14), apresentado. Ambos os usos como modalizador se conectam com link da ideia de incerteza, hipótese, vinculada ao traço do não planejado, traço este que deve ter sido inferido pelo contexto da construção original de tempo.

### Considerações finais

Os resultados preliminares demonstram que houve mudança construcional no plano do sentido, pois houve extensão de sentido: inicialmente [*de repente*] tinha papel de circunstanciador temporal, colocado sobretudo no predicado depois do verbo, sendo este o seu escopo. No século XX encontramos usos [*de*

*repente*] com o valor de modalizador, com escopo em toda a oração. No decorrer do tempo, mesmo o [*de repente*] com valor temporal passa a ser mais usado na posição pré-verbal, sobretudo na posição da margem esquerda. Esta também é a posição típica dos modalizadores. No português atual, tanto o uso como circunstanciador temporal como o uso como modalizador epistêmico tendem a ser a margem esquerda da oração.

Assim como afirmarmos com certeza de que se trata de duas construções? Ambos os usos (o temporal e o de modalizador) tendem a ocorrer nos mesmos padrões sintáticos e nas mesmas posições, mas os valores semântico-pragmáticos são claramente distintos. De acordo como o modelo da construcionalização, para afirmarmos que os dois usos são duas construções (dois pareamentos simbólicos de forma e função) devemos observar mudança também na forma, além da mudança na função/sentido. Provavelmente, há diferenças prosódicas no uso de [*de repente*] temporal e de [*de repente*] modalizador, o que nos cria a necessidade de estudar o fenômeno num corpus oral. Uma coleta de dados preliminar nos mostrou que a ocorrência [*de repente*] modalizador epistêmico é muito alta no português oral do Brasil

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO [*DE REPENTE*]:  
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL NO USO

(diferentemente do que estamos encontrando no português escrito, que usa outros modalizadores como *talvez* e *provavelmente*, previstos na gramática tradicional).

O que podemos afirmar por ora é que o escopo do uso temporal é mais local, mais voltado para dar uma circunstância de quando um fato ocorreu. Assim o escopo é o verbo. No uso como modalizador, o escopo é toda oração, como acontece com outros modalizadores, como *infelizmente*. O falante memoriza os dois usos, tendo em vista o valor de circunstancial temporal ou de modalização e provavelmente as diferenças prosódicas no caso da modalidade oral. Além disso, vimos que há marcas linguísticas diferentes que costumam acontecer nos contextos de cada uso, como a maior incidência de

eventos no tempo passado quando [*de repente*] tem valor temporal, enquanto [*de repente*] modalizador se refere a contextos com verbos no presente ou no futuro expressando principalmente possibilidade. Dessa forma, concebemos que há duas construções linguísticas, ou seja, dois pareamentos forma-sentido no constructicon dos usuários do português: a construção 1 'advérbio de tempo' e a construção 2, mais nova, a de 'modalizador epistêmico'. Com isso, postulamos que não se trata de polifonia de uma construção, mas de construções diferentes. Futuramente pretendemos verificar se é possível estabelecer em termos de padrões apresentados, se, por exemplo, as conjunções *e* e *mas* fazem parte de uma das construções, formando [*e de repente*], [*mas de repente*].

### Referências

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2001.
- BUTLER, Christopher. Functionalist approaches to language. In: \_\_\_\_\_. **Structure and**

- Function:** A Guide to Three Major Structural-Functional Theories. v.63. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003. cap. 1, p. 1- 28.
- BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CARVALHO, José Augusto. **Gramática superior da língua portuguesa**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 1995.
- CEZARIO, M.M.C. et alii. **Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais**. In: LOPES, C.R.S.. *História do português brasileiro : mudança sintática das classes de palavra : perspectiva funcionalista*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. v. 1. 416p
- COUTINHO, Nastassia Santos Neves. **De repente, não mais que de repente, gramaticalizando**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de pós-graduação em Linguística. Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexycon, 2010.
- CROFT, William. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- DICIONÁRIO BARSA DA LÍNGUA PORTUGUESA**. São Paulo: Barse Planeta Internacional, 1981. 2v.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de.; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.
- GOLDBERG, Adele. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press.

- \_\_\_\_\_. **Constructions at work: the nature of generalization in language.** Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar.** 3. ed. London: Hodder Arnold, 2004.
- HAUY, Amini Boainain. **Gramática da Língua Portuguesa Padrão.** São Paulo: EDUSP, 2013.
- MIRA MATEUS, Maria Helena, et al. **Gramática da Língua Portuguesa.** Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980[1972].
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PASQUALE, Cipro Neto; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Scipione, 2008.
- SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa.** 3º edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1964.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application.** Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.
- TROUSDALE, Graeme. **Theory and data in diachronic construction grammar: the case of the what with construction.** John Benjamins, 2012.